

# **ENTRE 20 CENTÍMETROS E PÓ DE AR- ROZ: A ESTÉTICA FÍLMICA COMO POÉ- TICA DE DESESTIGMATIZAÇÃO DO UNI- VERSO TRANSEXUAL**

ANSELMO PERES ALÓS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL  
ANSELMOPERESALOS@GMAIL.COM

ADRIANA YOKOYAMA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL  
ADRIANAYOKOYAMA@GMAIL.COM

CARLA LAVORATI  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL  
CA\_LAVORATI@GMAIL.COM

[HTTP://DX.DOI.ORG/10.5902/2316882X23459](http://dx.doi.org/10.5902/2316882X23459)

## ENTRE 20 CENTÍMETROS E PÓ DE ARROZ: A ESTÉTICA FÍLMICA COMO POÉTICA DE DESESTIGMATIZAÇÃO DO UNIVERSO TRANSE- XUAL

Resumo: este artigo problematiza as relações de gênero no filme espanhol *20 centímetros* (2005), de Ramón Salazar, e no curta-metragem brasileiro *Pó de arroz* (2015), de Lucas Moratelli. A partir das discussões da teoria *queer* e dos estudos de gênero, analisa-se como a personagem Marieta, de Salazar, e a personagem sem nome, de Moratelli, contribuem para a desestigmatização da cultura transexual masculina (*male-to-female*).

Palavras-chave: Teoria *Queer*; Estudos de Gênero; Transexualidade; Narrativas Fílmicas.

## ENTRE 20 CENTÍMETROS Y POLVO DE ARROZ: LA ESTÉTICA FÍLMICA COMO POÉTICA DEL TÉRMINO DEL ESTIGMA DEL UNIVERSO TRANSEXUAL

Resumen: Este estudio analiza las relaciones de género en las películas española *20 centímetros* (2005), de Ramón Salazar, y la brasileña *Polvo de arroz* (2015), de Lucas Moratelli. A partir de las discusiones de la teoría *queer* y los estudios de género, se analizará cómo la personaje Marieta, de Salazar, y la personaje sin nombre de Moratelli contribuyen a la desestigmatización de la cultura transexual (*male-to-female*).

Palavras clave: Teoria *Queer*; Estudios de Género; Transexualidad; Narrativas Fílmicas

## BETWEEN 20 CENTIMETERS AND RICE POWDER: THE FILMIC AES- THETICS AS A SUBVERSIVE POETICS OF THE TRANSEXUAL UNI- VERSE

Abstract: This article aims at discussing gender relations in the Spanish movie *20 centimeters* (2005), by Ramón Salazar, as well as in the Brazilian movie *Rice powder* (2015), by Lucas Moratelli. Taking as a point of departure the discussions of Queer Theory and Gender Studies, we analyse how the character Marieta, from Salazar's movie, and the unnamed character from Moratelli's movie contribute to the de-stigmatization of male-to-female transexual culture.

Keywords: Queer Theory; Gender Studies; Transexuality; Filmic Narratives.

## 1 UM BREVE OLHAR PARA A PROBLEMÁTICA DO GÊNERO

O exercício da sexualidade humana tem sido tema de inúmeros debates que problematizam a normatização das práticas (hetero)ssexuais. Esses debates, cada vez mais comuns na esfera acadêmica – principalmente a partir do final do século XX – são impulsionados pelas discussões promovidas pelos estudos culturais, pelos estudos de gênero e pela teoria *queer*, entre outras abordagens que questionam a produção da cultura e sua relação com a ideologia dominante que, *grosso modo*, reforçam a consolidação de uma cultura patriarcal, heterossexual e, portanto, limitadora e preconceituosa. Pode-se fazer referência à existência de uma maior abertura para o diálogo sobre as relações de diferença e preconceito de gênero no meio social, e considerar a ocorrência de alguns avanços como a criação da Lei Maria da Penha. Entretanto, ainda há muito o que conquistar para desconstruir afirmações que moldaram a cultura e que limitaram os gêneros a se enquadrar em espaços e comportamentos pré-definidos, e que ainda hoje, em pleno século XXI, norteiam o modo de pensar e de (não) compreender o outro. E, nesse sentido, quando se fala em transgêneros, transexuais e travestis, nota-se o quanto a cultura do preconceito ainda relega a esses indivíduos o local marginalizado, que os estigmatiza, aprofundando a incompreensão que o senso comum tem sobre o que é diferente.

Portanto, o objetivo desse artigo é problematizar as construções de gênero binárias como classificações limitadoras da complexidade e subjetividades humanas, pois os indivíduos que fogem da divisão dicotômica entre o feminino e o masculino, e que transitam entre ambos os universos e espaços de identificação desses gêneros, ainda são observados com estranhamento por suas atitudes consideradas subversivas. É na esteira dessas subjetividades dissonantes, que desafiam a norma imposta, e que, desafiando-a, constroem novas possibilidades de existência, que se conduz a discussão para pensar como as relações de gênero são problematizadas no filme *20 centímetros* (2005), de Ramón Salazar, e no curta-metragem *Pó de arroz* (2015), de Lucas Moratelli.

Pretende-se conduzir as reflexões para as marcas negativas que a repressão e a omissão de desejos e sentimentos produzem nesses sujeitos representados nas duas narrativas fílmicas há pouco mencionadas que, em sua maioria, sentem-se deslocados em um mundo organizado pela

lógica dual, que aprisiona os sujeitos em determinações que são sempre limitadoras. Portanto, busca-se nesse estudo pensar as relações de gêneros para além das definições limitadoras do feminino e do masculino, para contornar, circular, percorrer, navegar por filosofias e pensamentos que funcionam em sua própria dinâmica como um abalo, um movimento que, por não ficar parado, desloca o comum, muda e se transforma, para adquirir novas formas e formatos, pensando a necessidade de se desestabilizar o corriqueiro, o que nos chega disfarçado de naturalidade, mas que não passa de uma construção social, demarcada no tempo e na história, assim como observou Foucault (2014) ao analisar a sexualidade e seus desdobramentos em diferentes épocas da civilização. Estas reflexões vão ao encontro de uma postura de defesa da diversidade e da desconstrução da lógica dual dos gêneros, projetando uma argumentação em direção à defesa da liberdade de expressão, sensação e vivência dos sexos para além dos espaços definidores dos gêneros e da sua correspondência com o sexo biológico, pois não se pode ignorar a esfera arbitrária das definições de gêneros; reconhecemos a legitimidade da existência de “identidades transgêneras, incluindo a intersexualidade, a transexualidade e outros termos híbridos” (CHANTER, 2011, p. 7), o que confirma que as identidades de gênero não se limitam à anatomia do corpo e colocam em cheque a existência de uma natureza *a priori* que liga sexo, corpo e gênero.

## **2 20 CENTÍMETROS E PÓ DE ARROZ: DERIVAS DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADE TRANS**

O filme espanhol *20 centímetros* (2005), do roteirista e diretor Ramón Salazar, narra a história de uma transexual *male-to-female* de nome Marieta (anteriormente Adolfo), protagonizada por Mónica Cervera, que sonha com uma grande realização pessoal: fazer uma intervenção cirúrgica de readequação genital para “livrar-se” daquele que é um dos maiores “tormentos” para a sua identidade transexual: o seu pênis, de 20 centímetros, que paradoxalmente a torna um grande sucesso no *trottoir callejero*.

Casar-se com um homem bonito, educado e romântico e arrumar um emprego torna-se então uma consequência dessa realização. Morando em um cortiço com pessoas bastante inusitadas e estranhas, além de dividir o apartamento com um anão chamado Tomás (personagem que leva a vida a partir de pequenos golpes, interpretado pelo ator Miguel O’Dogherty),

Marieta sobrevive de seu trabalho como prostituta nas ruas de Madrid, valendo-se de seu diferencial – o membro de 20 centímetros – para atrair clientes e economizar dinheiro até que consiga realizar a cirurgia que lhe possibilitará a readequação de gênero. Em suas idas ao mercado de frutas, conhece um repositor de mercadorias e se apaixona por ele. Sofrendo de uma doença chamada narcolepsia, ela adormece profundamente nos momentos mais inusitados. São nesses mergulhos inconscientes que realidade e fantasia se encontram. Em seus sonhos, ela se vê transsubstancializada, atuando em um mundo “colorido” em completa realização. Os momentos musicais contextualizados refletem seus sonhos e seus desejos para o futuro. Deparando-se com a dureza da realidade, Marieta encontra-se diante de um grande impasse, pois para seu namorado, o que ela possui de mais atrativo e mais sensual são os seus 20 centímetros. Logo, ela se vê dividida entre o sonho de se transformar em uma mulher transexual e o amor de um homem que vê, em seu órgão sexual, o mais encantador de seus talentos.



00min56s



01min22s

Figuras 1 e 2: Marieta é abandonada nas bermas de uma estrada, adormecida, em meio a uma crise de narcolepsia, após um programa, por um cliente.

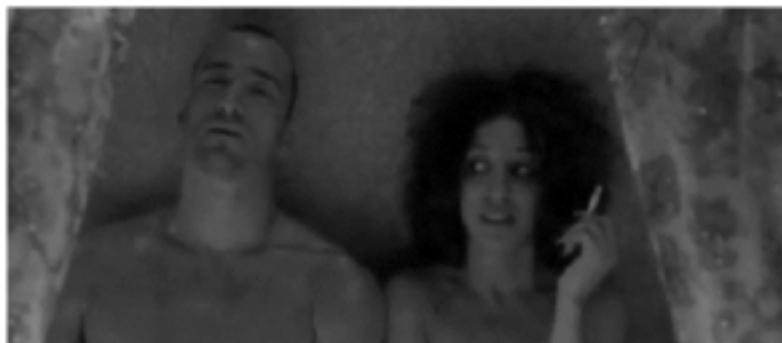


00min56s



01min22s

Figuras 3 e 4: O sonho (no devaneio manifesto em meio à sua crise de narcolepsia) de ser mulher e encontrar um homem que será o amor de sua vida.



1h12min22s

Figura 5: Encontrando-o, Marieta percebe-se entre o impasse de satisfazê-lo ou realizar o sonho de tornar-se uma mulher.

A produção de Ramón Salazar trata de um universo sexual não hegemônico e de personagens que se encontram às margens da sociedade. Uma travesti, um anão, uma mulher sem marido (que parece executar trabalhos ilegais para sobreviver e sustentar seu filho), outra que faz aplicações de hormônios em homossexuais e travestis, rodeados de personagens exóticos, compondo o cenário de um cortiço, afirmam-se como elementos essenciais para estruturar as condições de vida e os efeitos da subversão de determinadas normas cristalizadas. Sob as bases de uma veia cômica e de uma fina ironia, Salazar contextualiza os momentos mais marcantes de sua protagonista, representando-os em grandes musicais hollywoodianos, trazendo a figura da mulher vitoriosa que luta contra a hegemonia do sexo masculino. Esses momentos, que se apresentam através de representações oníricas, mergulham no inconsciente da personagem, revelando desejos que são reproduzidos nas letras de canções que comungam com o que ela deseja ou vive.



02min46s



4min28s

Figuras 6 e 7: A narcolepsia de Marieta, que desencadeia os devaneios com traços de musicais hollywoodianos.

Nessa direção, o curta-metragem brasileiro, de 06min44s, produzido por Lucas Moratelli, *Pó de arroz* (2005), narra a história de uma transexual que vive aparentemente em um relacionamento estável, mas que precisa “desconstruir” sua imagem para visitar seu pai. Todo o processo de desconstrução dessa identidade é representado através do embate entre a figura travestida de mulher sendo aos poucos descaracterizada. A dificuldade de descolamento desse gênero é metaforicamente representada pelo “pó de arroz”, objeto situado no contexto feminino e utilizado como recurso para aproximar-se do gênero que se identifica, após sua involuntária “despersonificação”. A hostilidade de seu pai em relação à sua sexualidade transborda em intensas representações dramáticas, tornando visível a dificuldade desse enfrentamento. Embora a subversão de sua natureza biológica produza inúmeros constrangimentos sociais e familiares, o protagonista só deixa transparecer um sorriso singelo de felicidade em seu papel feminino. Sendo assim, a visita do protagonista à casa de seu pai abarca intenções estritamente particulares, pois seu interesse em resgatar sua certidão de nascimento, além do cuidado em preparar seu pai para sua mudança, deixa implícito o propósito de se fixar em seu novo gênero.

A produção de Moratelli mantém intrínseca relação com a proposta de Salazar, por se inserir em um contexto de lutas, de desejos e de representações que se propõem a tornar possível uma nova realidade: a experiência de uma nova identidade. Essa tentativa de reconhecimento produz uma política de associação intensamente conturbada entre as camadas sociais e culturais vigentes, pois o embate entre a “normatização” e o “desvio” desencadeia-se nas relações de sexo e poder. Esse atrito, que a cada dia ganha mais espaço dentro da sociedade, faz emergir conceitos antigos, porém substancialmente atuais em relação à sexualidade. Portanto, antes de avançar para a análise dos filmes, far-se-á um breve percurso pela história da sexualidade, para contextualizar os desdobramentos em que as relações entre sexo, corpo, identidade e gênero apresentaram em diferentes momentos históricos.

### **3 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: UMA RETOMADA DOS DEBATES PROMOVIDOS POR MICHEL FOUCAULT E O DIÁLOGO COM A TEORIA QUEER**

A constituição de individualidades distintas tem em sua representação o peso de uma história norteadada pela repressão e omissão de sentimentos e desejos inerentes à condição humana. Nesse sentido, o papel do filósofo Michel Foucault (1926-1984) teve grande importância para desmistificar a sexualidade, reconhecendo a naturalidade dos desejos e a possibilidade de seus “desvios”. De acordo com Foucault, em sua obra *História da sexualidade: a vontade de saber* (2014), foi sob a luz do período vitoriano que a sexualidade deixa de transitar livremente e sem segredos, como no início do século XVII, para ser resguardada a ambientes isolados:

Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. [...] Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. [...] a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas (FOUCAULT, 2014, p. 7-8).

Segundo as análises de Foucault (2014), a partir do fim do século XVI, o discurso sobre o sexo, “em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetido a um mecanismo de crescente incitação” (FOUCAULT, 2014, p. 18). A linguagem possui fundamental importância na formulação e divulgação dos discursos que se aceleraram com o século XVIII. Essa ferramenta discursiva “não cessou de proliferar”, pois “o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente” (FOUCAULT, 2014, p. 20). Foi justamente nos campos do exercício de poder que esses discursos foram cada vez mais estimulados, entre eles, nos espaços da pastoral católica e do sacramento da confissão, dedicado a examinar minuciosamente os procedimentos da execução do ato sexual. O ritmo da

confissão, acelerado pela Contrarreforma, estabeleceu regras cuidadosas no exame de si mesmo, e atribuiu fundamental importância à penitência em detrimento de outros pecados em um jogo confessional (FOUCAULT, 2014, p. 20-21).

Na esteira desses acontecimentos, os colégios do século XVIII possuem também uma forte representação em relação aos discursos sobre o sexo. De acordo com Foucault (2014), é partir da percepção de uma estrutura arquitetônica moldada a regulamentos de disciplina e organização interior que as especificidades desses discursos são sinalizadas. Desde a ordenação das salas de aula à distribuição dos dormitórios, essa formulação evoca a sexualidade. É a constatação de que a sexualidade precoce existe, tornando este fato um problema público, criando a necessidade de intervenções profissionais a fim de mantê-los sempre informados (FOUCAULT, 2014, p. 31-32). Essa trajetória, encerrada na lógica de atuação sobre a “econômica do discurso”, torna esse contexto de poder um campo de disseminação por se tratar de um local onde as habilidades se desenvolvem a partir das raízes. Sendo assim,

[...] seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas de discurso neste tema. [...] falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirige a elas, ora fala delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas um saber que lhes escapa tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação dos discursos (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Portanto, essa contextualização histórica sobre a sexualidade, baseada nas considerações de Foucault, afasta a possibilidade de atribuir a repressão da sexualidade ao advento do capitalismo, visto que, no sentido mais institucional da palavra, foi justamente esse poder, atuando sobre a economia dos discursos, que funcionou como ferramenta de divulgação em massa para falar e pensar no sexo, ainda que sob outro ponto de vista.

No final do século XVIII, três códigos regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Era sob o regimento desses códigos que a linha divisória entre o lícito e o ilícito fixava as relações de natureza matrimonial de forma mais intensa, como também as de ordem jurídica. Isto significa dizer que o adultério, o incesto, as práticas homosse-

xuais, tudo que era configurado como “contra a natureza” foi (e ainda é) abominado. As questões sexuais intensificaram-se, pois o que se estabelecia era a interrogação sobre “a sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos; era o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões [...]. Todas essas figuras [...] têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são” (FOUCAULT, 2014, p. 43). Essas relações de poder que se constituem no limiar da sexualidade encontram, nos séculos XIX e XX, “uma dispersão de sexualidades, uma implantação múltipla de perversões” (FOUCAULT, 2014, p. 41). É sob essas bases foucaultianas que essa forma de poder, mais do que as velhas interdições,

[...] exige para se exercer presenças constantes, atentas e também curiosas; ela implica proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição (FOUCAULT, 2014, p. 49).

É no interior dessa “multidão de corpos subversivos” que nosso olhar volta-se especificamente às categorias que incluem tanto homossexuais quanto transexuais, no plano desse contexto de uma *sexualidade periférica*. São essas categorias observáveis e de natureza analítica que serão focalizadas nesse estudo, pois como uma das figuras da sexualidade, o homossexual, segundo Foucault (2014), torna-se agora uma *espécie*. Essa “espécie” diferenciada possui internalizada em seus corpos, “extravagâncias sexuais”, uma espécie de hermafroditismo da alma, que permite compreender a intrínseca relação de sexo e poder estabelecida pelas teorias foucaultianas. Esse prazer que em seu caráter dualista, transita no âmbito das análises e do esvaziamento,

[...] exerce um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado [...] se abrasa por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou resistir (FOUCAULT, 2014, p. 50).

Nesse contexto, a compreensão da proposta de Salazar e Moratelli na construção de personagens que mantém estreita relação com esse dualismo associado à sexualidade, torna-se clara por distanciar-se de produções

artísticas contemporâneas, classificadas como abordagens “menores”, para alcançar debates ainda mais profundos: conceitos que desnudam o sexo, desvelando seus segredos e seus desejos mais íntimos pela compreensão de uma sexualidade e um gênero diferenciado a partir do estudo de sujeitos que adquirem, mediante as novas formas de construção social<sup>1</sup>.

Esses papéis distintos representados por Mónica Cervera (Marieta), em *20 centímetros*, e Manoel Ribeiro<sup>2</sup>, em *Pó de arroz*, retratam os conflitos de sujeitos que não comungam com a aparência física de seus corpos por não haver correspondência entre seus desejos e prazeres aos corpos que possuem. Além disso, essa não compreensão de sentimentos acarretará as inúmeras lutas pelo reconhecimento de uma identidade e de um espaço dentro da sociedade. Essas lutas, que caminham lado a lado à proposta de modificar uma condição assignada pela natureza por outra, construída socialmente, perseguem todas as possibilidades para alcançar essa realização, entre elas, as transformações físicas, para aproximação do gênero desejado, além da utilização do procedimento cirúrgico para a retirada ou colocação de prótese do órgão sexual.

Em meio a diversidade de representações, é mister elencar as propostas ofertadas pelo conjunto das produções por acreditarmos serem, estes fenômenos contemporâneos, de suma importância para conscientização do “surgimento” de identidades múltiplas que vem modificando o panorama social. Essa percepção tem conduzido inúmeros estudiosos a contemplarem tais categorias e incluí-las como foco das pesquisas sobre as mudanças no paradigma social, bem como nas análises sobre a sexualidade.

Configurada sob as bases dos estudos do gênero, a teoria *queer*, iniciada na década de 1990 e influenciada pelas teorias sobre a sexualidade de Foucault, abarca em meio à significação unificada de seu termo (*queer* = estranho, excêntrico, raro) uma variedade de gêneros distintos entre si. Segundo a definição de Guacira Lopes Louro, em seu artigo “Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação” (2001), a esse termo associam-se também referências pejorativas relativas aos homossexuais do

---

1 Com relação aos entrecruzamentos entre estudos de gênero, feminismo e teoria *queer* no campo dos estudos literários e fílmicos, consultar ALÓS (2013, 2012a, 2012b, 2011a, 2011b, 2010, 2009a, 200b, 2009c, 2008, 2006a e 2006b).

2 O filme *Pó de arroz*, de Lucas Moratelli, não atribui nomes a seus personagens principais. Apenas um nome é mencionado nesta produção.

sexo feminino e masculino. São insultos que, de acordo com as considerações da filósofa Judith Butler, “ecoam e reinteram os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquirem força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem são dirigidos” (Cf. LOURO, 2001, p. 546). O movimento agregado a essa ideologia exerce sobre a teoria a força de um posicionamento em constante contestação. São teorias que se articulam em torno da percepção de uma não demarcação da inscrição dos papéis sexuais assinados pela natureza, possibilitada pela aceitação de individualidades construídas socialmente. Se a teoria desenvolve-se a partir de pesquisas e observações de estudiosos que contestam a heteronormatividade vigente em nossa sociedade, elas são abraçadas por sujeitos sensibilizados e incorporadas nos grupos que se entregam às lutas pelas contradições: são categorias classificadas como “multidões *queer*”, denominadas por Beatriz Preciado em seu artigo “Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”” (2011), marcando sua atuação e preocupação com “uma multidão de corpos” diferenciados como transgêneros, transexuais, lésbicas, e as demais manifestações sexuais “subversivas”.

#### **4 ALÉM DAS FORMAS, TRANSFORMAS E INFORMAS: A ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA NO UNIVERSO TRANSEXUAL**

Ancorados na especificação de uma das categorias das “multidões *queer*”, Salazar e Moratelli exploram a temática da transexualidade apropriando-se das autênticas formas de representar essa individualidade. A transexualidade dessas personagens transita pelos espaços da sexualidade habitando entre o dualismo do sexo e do poder. Essa representação destaca-se sob as formas de um poder que apresenta, na soberania das teorias de Foucault, “um mecanismo de apelação, que atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela” (FOUCAULT, 2014, p. 50). Tais estranhezas denotam a exaltação do sexo e do desejo afirmados pelo prazer de mostrarem-se, extraíndo de seu próprio corpo todas as sensações em sua totalidade.

Essa categoria dos transexuais é também problematizada por Guilherme Almeida em seu artigo “Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?” (2012), com a finalidade de apresentar alguns “matizes dessa aquarela”, sua compreensão acerca do “homem trans”, e sua hipó-

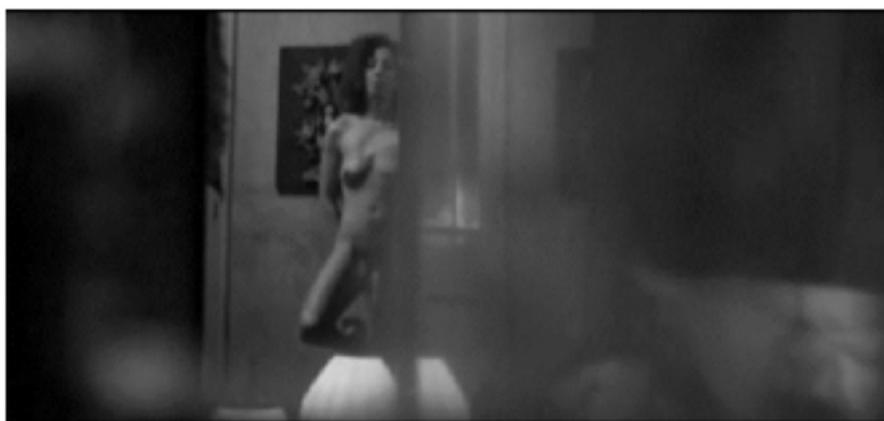
tese de transitividade entre os grupos. Expondo algumas definições sobre esta categoria, uma é de fundamental importância por referir-se a indivíduos que fazem e/ou desejam modificações corporais por intermédio da hormonização por progesterona ou intervenções cirúrgicas, além de utilizarem recursos como a roupas, calçados, dissimulação dos seios ou próteses penianas. Esse grupo distingue-se dos outros por sua luta jurídica, pelo reconhecimento de seus nomes compatíveis a definição de seus sexos (ALMEIDA, 2012, p. 515-516). São indivíduos que sofrem preconceitos diários e são lançados às margens da sociedade.

Entre os recursos para a aproximação do gênero desejado, a intervenção cirúrgica aparece como uma solução para a transformação definitiva desses indivíduos, porém o que choca é que nesse processo de “desnaturalização das identidades”, a disposição para intervenções cirúrgicas é encarada, pela medicina e pelos processos legais que proporcionam a autorização para este procedimento, como uma doença mental relacionada ao campo da sexualidade, segundo o recurso de Berenice Bento, descrito por Almeida (ALMEIDA, 2012, p. 515). Compreendemos esse processo de submissão dos sujeitos ao processo de investigação psicológica e psíquica, sendo necessário contemplar sinais de degenerescências para a execução da cirurgia, como uma cegueira voluntária às modificações inevitáveis de conceitos, além de um profundo desconhecimento em relação à sexualidade.

A definição de Almeida (2012) vai ao encontro da proposta de Salazar e Moratelli ao apresentar, em suas personagens, traços que caracterizam esta definição. O estereótipo de uma *travestilidade* que se sobrepõe às regras da heteronormatividade, neste caso, somente alcança sua essência a partir da concretização de seus ideais a limites extremos em função do processo transexualizador. É Marieta, personagem de Salazar, que se desnuda em sua sexualidade na direção dessa realização. Para ela, sentir-se mulher é, não apenas se assumir como tal, mas se assemelhar também em sua configuração estrutural, mesmo que para isso tenha que abdicar de certas conquistas.

A produção de Salazar tece a narrativa de um sujeito marginalizado por sua exposição nas ruas de Madrid, prostituindo-se para sobreviver e, principalmente, por sua condição transexual. Embora às margens, ela busca alcançar a concretização de três sonhos: ter um emprego digno, conquistar o amor de um homem, e tornar-se efetivamente uma mulher.

A discussão da trama, que gira em torno dos 20 centímetros de pênis desprezados por Marieta, é explicitada na passagem de sua ida à igreja para orar por essa libertação, estabelecendo uma intensa relação de religiosidade e sexualidade. Diante da imagem de Jesus Cristo, Marieta profere as seguintes palavras: “A pessoa tenta ser decente. Mas você, Senhor, não está ajudando muito. Seu pai se enganou terrivelmente me dando esses 20 centímetros extras. Alguns sujeitos realmente adorariam ter este tamanho de... pinto [...]” (57min 20s). Esse discurso demonstra a insatisfação da personagem em relação a este “pedaço inútil de carne” que a impede de ser completamente uma mulher.



16min 03s

Figura 8: Identidade biológica e de gênero: o conflito dos 20 cm.

Sob o ponto de vista das relações entre sexo e poder, esse momento pode retomar, ainda que em contextos diferentes, as considerações do conceito histórico de sexualidade desenvolvido por Foucault (2014). Embora distanciados por três séculos, os discursos sobre a sexualidade encontram-se entrecruzados pelo espaço da sacralidade (igreja) e pela necessidade da palavra como “confissão”, como uma maneira de expurgar os desejos mais secretos. O que os diferencia são as percepções e as intenções que, ao longo do tempo, estão sendo modificadas pela compreensão, ainda que a passos lentos, sobre as sexualidades múltiplas. Essa observação que traz de volta a igreja como a representação de um “poder maior” que se revela capaz de libertar, de assumir posturas igualitárias de um sujeito a outro, conduzindo à ordem e à normatização das regras sociais, retoma, no contexto ficcional, uma possível proposta de agregar essa multidão de gêneros diferenciados ao contexto das relações sociais existentes.

Incitadas por discussões contemporâneas, as produções de Salazar e Moratelli, embora focalizem questões centrais, como a realização dos corpos atribuída a procedimentos cirúrgicos e as dificuldades de aceitação da transexualidade por parte da família e da sociedade, respectivamente, encontram-se entrelaçadas por esbarrarem em questões que norteiam alguns dos principais temas enfrentados pela categoria trans. Mais do que apresentar, os filmes propõem-se a levantar discussões e produzir reflexões acerca desses grupos que ousadamente desafiam as normas.

Essa ousadia tem em seu cerne, agregada à luta pelo reconhecimento, a tentativa de desvinculação do binarismo entre sexo e gênero. Essa temática é explorada nas duas produções e construída a partir de abordagens diferenciadas. Em *20 centímetros* (2005) é estabelecido um diálogo entre Marieta e uma atendente no momento de uma entrevista de emprego:

[29min 00s]

(Marieta) – Estou aqui para...

(Atendente) – O computador me diz: Vejamos... Limpeza, turno da noite. Adolfo Carpata Orozco. Sinto muito, como o banco de dados diz “Adolfo”, disponibilizaram trabalho pra um Adolfo, quer dizer, para um homem.

(M.) – E?

(A.) – E... seu nome não corresponde com sua aparência.

(M.) – E você seria amável o bastante para dá-lo a mim? Por que, oficialmente, veja, ainda sou Adolfo.

(Levanta discretamente a saia para que a atendente visualize sua “masculinidade”, provocando a funcionária).

(A.) – Um momento. Confirmarei isto agora.

(Marieta quase cai no sono, em mais uma crise de narcolepsia, quando a atendente volta e a acorda).

(A.) – Adolfo! Adolfo! Terá que usar um uniforme que corresponde ao sexo que aparece no seu R. G.



29min 45s

Figura 9: Entrevista de emprego.

No curta-metragem *Pó de arroz* (2015), o diálogo se dá a partir do encontro do filho trans com seu pai, figura que adquire um papel desafiador à sua condição, na tentativa de resgatar sua certidão de nascimento, deixando subentendida a sua intenção de mudança de sexo:

[00min38s]

(Filho) - Com quem você deixou aquela caixa?

(Pai) - Que caixa?

(F.) - Onde estão os documentos, minha certidão de nascimento.

Os documentos de quando mamãe faleceu.

(P.) - Não sei. Você procurou?... Deve estar por aí.

As passagens demonstram como as classificações de sexo e gênero interferem na condição social e na representação desses sujeitos que lutam pela afirmação de um gênero. Imbuída nessa luta, Butler (2003), no intuito de comprovar a arbitrariedade do binarismo sexo/gênero, define esses conceitos. Em sua concepção, o sexo é natural em termos biológicos e o gênero é culturalmente construído, conceito que abre espaço para múltiplas interpretações do sexo. Entendendo o gênero como a formação de um significado culturalmente adquirido e resgatado pelo corpo, perde-se a noção de propriedade em relação ao sexo, pois suas formas podem ser assumidas por intermédio da permuta, ou seja, homens e mulheres representando sexos distintos, sem a perda essencial do sexo, da construção cultural (BUTLER, 2003, p. 24-25).

Diante dessa constatação, Butler (2003) cerca-se de argumentos significativos para reforçar sua teoria sobre gênero. A declaração de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, é umas das premissas

que vai contribuir para sua justificativa. Sua proposta, ao “desnaturalizar” e de “desconstruir” essas oposições binárias, lança as bases para a compreensão de uma nova constituição para a identidade feminina. Essa definição que parte da concepção de uma realidade que foge aos parâmetros heterossexuais, entendida pela “desnaturalização” do gênero, caracteriza-se como um processo em constante renovação.

Essa proposta que invade os espaços sociais, criando subjetividades diferenciadas, tem como elemento fundamental a caracterização e a aproximação do outro no contexto das representações transexuais. Esse outro, que se configura essencial para a constituição de identidades, encontra na figura trans uma subjetividade que se caracteriza pela experiência de “estar sendo”, ou seja, estar vivendo e se reconhecendo como sujeito. A consolidação dessa existência se dará a partir da performance dos corpos, projetando em si a existência que pretende agregar pela descaracterização do sexo designado pela natureza.

Dessa forma, as produções fílmicas analisadas apresentam essa caracterização de maneira bastante distinta. As imagens iniciais de *Pó de arroz* mostram a figura feminina de uma transexual completamente caracterizada e em conflito.

Esses reflexos que se constituem nas entrelinhas da produção, uma característica de Lucas Moratelli em apresentar sua trama, deixa ao telespectador o desafio de compreender e propor novos olhares através do silêncio que marca a dificuldade da personagem em sua descaracterização. Essa não aceitação dramática de seu descolamento das bases femininas é representada por uma sequência de ações que desnudam a personagem em fortes gestos e expressões de sofrimento. Despida de sua identidade construída e no intuito de se aproximar dessa subjetividade, ela faz uso de um pó de arroz na tentativa de não se desvencilhar por completo da sua identidade de gênero feminina, arduamente construída ao longo de um processo performativo.



Figuras 10, 11, 12 e 13: O doloroso processo de sua desconstrução física.

Ao contrário da personagem de *Pó de arroz*, Marieta, que nos é apresentada em uma construção feminina, deixa-se “travestir” como Adolfo mediante a uma necessidade: em seu local de trabalho, pois o uso do uniforme deve estar de acordo com a designação sexual juridicamente identificada. Os dois fatos retomam as características definidoras dos grupos, anteriormente citados, sobre a tentativa de aproximarem suas aparências do “gênero com o qual se afinam” (ALMEIDA, 2012, p. 516).

Situados no mesmo espaço, os filmes de Salazar e Moratelli retratam a realidade de determinados grupo inseridos na multidão *queer* de Beatriz Preciado (2011). Suas lutas e suas tentativas para alcançar o reconhecimento são as armas mais significativas contra o preconceito e a indignação nos diferentes setores da sociedade. Suas resistências, e aqui não nos referimos apenas aos movimentos, mas também aos extremos irreversíveis das intervenções cirúrgicas, constataam a concretude dos diferentes gêneros que estão, segundo Butler (2003) em constante construção, não como conceitos passageiros, mas sim como resposta ao silenciamento que durante décadas oprimiu e resguardou a possibilidade de se realizar como ser humano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas, reforçamos a necessidade e a importância de se debater assuntos que envolvem a sexualidade, como o tema do universo transexual. Principalmente, porque ainda vivemos uma cultura que marginaliza o diferente e que é organizada pela lógica da dominação e do poder. Nesse sentido, os filmes *20 centímetros* e *Pó de arroz* são narrativas fílmicas que, ao explorarem o universo transexual, contribuem para a desestigmatização desses indivíduos, a partir da exploração de diferentes formas de subjetivação do eu, possibilitando novos modos de organização identitária.

É necessário que nossas práticas, pensamentos e valores sejam questionados, para que não esqueçamos o quanto a cultura naturaliza convenções. Torna regra, reprime e delimita sujeitos e comportamentos, institui o certo e o errado, e assim forja a homogeneização que busca enquadrar os sujeitos em classificações que reforçam a existência de uma normalidade aceitável e desejável, e rechaçam tudo que ameace sua ordem. Sendo assim, acreditamos que os filmes analisados provocam uma ruptura com o universo e os modos de subjetivação limitadores dos gêneros masculino e feminino, para se inscreverem no *entrelugar* de ambos os gêneros, ultrapassando os limites que separam os sexos dos seus respectivos comportamentos para transitar entre eles, ocupando diferentes espaços e produzindo novas formas de subjetivação. Importa, nesse sentido, compreender que a cultura, os discursos, os comportamentos e as identidades são sempre constructos, nas quais funciona a ideologia e se reforça nas relações de poder entre sociedades, grupos e indivíduos.

Estamos falando de códigos simbólicos e não de verdades inquestionáveis, como reforça a filósofa americana Tina Chanter (2011) ao falar sobre ciência e definições de gênero. Portanto, a reflexão que pretendemos desenvolver no decorrer do trabalho é a da necessidade de uma abordagem crítica que desconstrua os papéis sociais cristalizados que limitam a sexualidade a características biológicas.

Assim, para pensar a sexualidade e os espaços de gênero e transgêneros, é preciso manter-se em contínuo questionamento das práticas enraizadas pela cultura heteronormativa e colocar-se também em movimento, para não cair no reducionismo das definições dicotômicas. E, nesse sentido, os filmes *20 centímetros* e *Pó de arroz* contribuem para que as rupturas

ocorram e possibilitem a formação de novas percepções e de uma nova compreensão do outro, do mundo e de nós mesmos contribuindo para incorporar o outro em sua singularidade enriquecedora, e não o excluindo pela diferença.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela da masculinidade? **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 10 de novembro de 2015.

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. A literatura comparada neste início de milênio: tendências e perspectivas. **Ângulo**, Lorena, ano 35, n. 130, p. 7-12, jul.-set. 2012a. Disponível em: <[http://www.academia.edu/2332236/O\\_morro\\_dos\\_ventos\\_uivantes\\_e\\_Coracoes\\_migrantes\\_releituras\\_de\\_arquivos\\_coloniais\\_e\\_poscoloniais](http://www.academia.edu/2332236/O_morro_dos_ventos_uivantes_e_Coracoes_migrantes_releituras_de_arquivos_coloniais_e_poscoloniais)>. Acesso em: 23 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Heterotopias hipertextuais: escrevendo mundos digitais em **La ansiedad e keres kojer** = guan tu fak. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 69-80, jan.-jul. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaipotesi/files/2009/10/heterotopias-hipertextuais.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 421-449, 2011a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 23 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, p. 17-42, 2012b. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33469/21342>>. Acesso em: 1º out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Prolegomena queer**: gênero e sexualidade nos estudos literários. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 42, p. 199-217, 2011b. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/42/cotidiano3.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

\_\_\_\_\_. A autoria feminina e a literatura brasileira no século XIX: novas perspectivas sobre a literatura indianista e a representação do embate colonial. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 1º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006a. p. 118 - 143.

\_\_\_\_\_. Corpo e gênero no romance oitocentista brasileiro: uma leitura de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. **Terra roxa e outras terras** - Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 15, p. 16-25, jun. 2009b. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/letras/ter-roxa/g\\_pdf/vol18/TRvol18b.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/ter-roxa/g_pdf/vol18/TRvol18b.pdf)>. Acesso em: 1º out. 2013.

\_\_\_\_\_. Madame Satã e a encenação do feminino: impasses de um malandro travestido de vermelho. **Gênero**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 369-385, 1º sem. 2008. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/190/128>>. Acesso em: 22 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Margens da poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência. *Organon*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 129-145, 2009c. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29514/18199>>. Acesso em: 1º out. 2013.

\_\_\_\_\_. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, ano 4, v. 6, p. 1-25, 2006b. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_6\\_texto\\_literario.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_6_texto_literario.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Um exercício comparatista da leitura queer: reflexões em torno d'El beso de la mujer araña, de Manuel Puig. *Crítica Cultural*, Palhoça, v. 4, n. 2, p. 65-80, 2009a. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/135/147](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/135/147)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

**20 CENTÍMETROS**. Direção de Ramón Salazar. Produção de Koldo Zuazua. Realização de Divine Productions, Estudios Picasso e Aligator Producciones. Produzido por Iker Monfort, José María Calleja, Pablo Mehler e Guillaume Bensi. Roteiro: Ramón Salazar. Trilha Sonora: Najwa Nimri & Pascal Gaigne. Espanha/Madrid: Aligator, 2005. (112 min.), HD, son., color. Legendado.

CHANTER, Tina. **Gênero**: conceitos-chave em filosofia. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LOURO, Guaciara Lopes. Teoria queer: uma política identitária para a educação. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2015. p. 541-553.

**PÓ DE ARROZ**. Lucas Moratelli. Roteiro e direção: Lucas Moratelli. Rio de Janeiro: Itaguaí, 2015. (06min 44s). Disponível em: <<https://vimeo.com/128125365>>. Acesso em 8 de outubro de 2015.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2011000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2011000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 08 de dezembro de 2015. p. 11-20.

### **Anselmo Peres Alós**

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto III no Departamento de Letras Vernáculas da UFSM. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras dessa mesma instituição. Realizou Estágio Pós-Doutoral no PPG-Letras da Universidade Federal de Pernambuco como bolsista do Plano Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD/CAPES), sob supervisão do Prof. Dr. Roland Walter.

E-mail: [anselmoperesalos@gmail.com](mailto:anselmoperesalos@gmail.com)

### **Adriana Yokoyama**

Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, com bolsa CAPES. Graduada em Letras.

E-mail: [adrianayokoyamaa@gmail.com](mailto:adrianayokoyamaa@gmail.com)

### **Carla Lavorati**

Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFSM, com bolsa CAPES. Mestre em Estudos Literários.

E-mail: [ca\\_lavorati@yahoo.com.br](mailto:ca_lavorati@yahoo.com.br)

RECEBIDO EM: 10/08/2016

ACEITO EM: 08/10/2016